

Para especialistas, Brasil tem “doença holandesa”

Vinda de dinheiro de fora valorizou real e tirou competitividade dos produtos manufaturados

SÃO PAULO

Nem os economistas ortodoxos parecem ter dúvidas de que está em curso uma desindustrialização no Brasil. A perda de relevância da indústria é tão grave que o país foi diagnosticado com doença holandesa – um mal que se abateu sobre a Holanda em 1960, quando o aumento do preço dos

gás atraiu capitais e valorizou o câmbio, reduzindo a competitividade dos produtos manufaturados.

O diagnóstico da “doença holandesa” é de Edmar Bacha – um dos pais do Plano Real – e está no livro O Futuro da Indústria no Brasil, da Editora Civilização, que chegou às livrarias na sexta-feira. O livro reúne artigos de economistas renomados, que participaram de dois debates na Casa das Garças.

Na introdução, Bacha e

Mônica Baumgarten de Bolle, diretores da Casa das Garças, afirmam que os dados são “contundentes”: a indústria de transformação teve seu auge no país em 1985, quando respondeu por 25% do PIB. Essa participação caiu para 15% em 2011 e pode ter chegado a 12% no ano passado.

Bacha concluiu que, entre 2005 e 2011, a desindustrialização foi uma consequência natural dos anos de bonança externa, em que a explosão do pre-

ço das commodities e a condição de “queridinho” do mercado trouxeram uma “enxurrada” de capitais para o Brasil.

“A doença holandesa está associada à bonança externa. Os salários subiram mais rápido que os preços. Isso estrangulou a indústria. A solução é abrir a economia. O Brasil é apenas 3% do PIB global. Não é fechando o mercado que a indústria vai ganhar competitividade e comprar insumos mais baratos”, disse Bacha.

NADA A COMEMORAR

Custo do trabalho na indústria é recorde

Apesar do recuo no emprego e de todas as medidas de incentivo adotadas pelo governo, o custo do trabalho na indústria brasileira registrou aumento recorde em 2012. A alta de 6,6% apurada pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial foi a maior em 11 anos, quando a pesquisa começou a ser feita, e foi o dobro do aumento verificado em 2011, 3,2%.

O aumento dos gastos da indústria com seus empregados é contínuo e pega o setor num momento de fragilidade. Aliado a serviços precários de infraestrut-

tura e impostos muito altos, a alta no custo do trabalho ajuda a tornar o produto brasileiro caro demais para competir com os artigos estrangeiros, dentro do Brasil e no exterior.

Como consequência, o setor patina há dois anos. No ano passado, a produção caiu 2,7%, depois de ter crescido 0,4% em 2011. Somando os últimos resultados, é como se a indústria estivesse parada há quatro anos. Em 2012, o governo adotou algumas medidas para melhorar a competitividade, mas, para os industriais, ainda não é suficiente.